# A EDUCAÇÃO DE UMA PRINCESA: SUA PARTICIPAÇÃO NA VIDA SÓCIO-POLÍTICA DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

*Zélia Sá V. Camurça*
**(da Universidade Federal do Ceará)**

**(Alocução pronunciada por ocasião da aposição de seu retrato na Galeria do Instituto do Ceará, aos 20 de setembro de 1972)**

1.

Acertou **Max Fleiuss** ao cognominar Dona Leopoldina de "A Paladina da Independência" e para ela reivindicar o culto público, nas festas comemorativas da Independência do Brasil. (Calmon, V, 1964: 1497).

Acertou o Instituto do Ceará — Histórico, Geográfico e Antropológico — ao tomar a resolução de prestar uma homenagem condigna à mulher que mais de perto contribuiu para a Independência do Brasil.

Não acertou, porém, o Sr. Secretário Geral em convidar a representante feminina deste sodalício para elaborar, em rápida pincelada, uma alocução sobre a Excelsa Imperatriz

Como diria **Indira Gandhi** quando indicada para o cargo de Primeiro Ministro da India: "Não sou suficiente modesta para dizer que não estou à altura do cargo, porém não sou bastante presunçosa para afirmar que não há ninguém mais capaz de desempenhá-lo". Nesses termos declinou a honraria, porém a expressiva maioria de votos do Partido do Congresso elegeu-a.

Declinamos a honraria, mas elegeu-nos a bondade do Senhor Secretário Geral **Dr. Albano Amora** primeiro autor desta homenagem à Imperatriz e um incentivador dos mais eficientes, enérgicos e convincentes à participação de todos os membros do Instituto a quaisquer solenidades.

2.

A esmerada educação que a Princesa Leopoldina recebeu na Côrte Européia tornou-a apta para o desempenho das mais elevadas funções que a situação de espôsa e colaboradora do Brasil exigiu. Uma educação bastante liberal fez de Dona Leopoldina uma personalidade bem exuberante, às vêzes impetuosa. Uma jovem senhora da mais alta cultura e extraordinária elevação moral.

Extremamente ávida de saber, falava e escrevia bem no seu idioma natal. Igualmente familiar era-lhe o italiano. Tambem conhecia o francês e sabia falar o inglês. Em chegando ao Brasil, "aprendeu logo o português, que acabou em pouco tempo conhecendo perfeitamente, aprofundando todas as delicadesas do idioma, falando-o e escrevendo-o como o seu natal". Taunay, 1922: 37). Compunha versos alemães cheios de gosto e elegância, era excelente pianista, pintava bem executando primorosas aquarelas. A todas essas demonstrações de aprimorada instrução ajuntava decidido pendor pelas ciências. Comprazia-se em estudar a mineralogia e a astronomia; "...diziam os seus intimos que tinha reaes conhecimentos de astronomia descritiva". (Taunay, 1922: 37). Com todos esses dotes de cultura e saber se impunha com facilidade ao respeito e veneração gerais. Além de sua vasta instrução e extraordinários talentos, sabia ser delicada, virtuosa, generosa. (Taunay, 1922: 38). Pureza, humildade, bondade, benevolência, caridade eram traços de seu caráter moral e de sua formação religiosa.

Na terra brasileira, seja como princêsa seja como imperatriz, sempre recebeu as maiores demonstrações de amizade. Em aqui vivendo, teve, é certo, problemas pessoais a enfrentar, e as suas atitudes variavam com as circunstâncias e os sentimentos de sua bela alma de mulher ou de sua zelosa posição de espôsa mas tambem de acordo com a pena de seus biógrafos os quais nem sempre atingiram a um "consensus".

A Princêsa Leopoldina sempre soube acompanhar o seu esposo nos grandes momentos sentimentais (Mello Moraes, 1886: 212), nos momentos dos sacrifícios e nas grandes decisões políticas quando imperatriz.

Segundo Taunay, "deve-lhe, e muito, a gratidão nacional a esta ilustre e sofredora princêsa, que tanto fez pela independência do Brasil, cujo throno sobremodo dignificou". (Taunay, 1922: 40). A participação da arquiduquesa Leopoldina nos sucessos da Independência do Brasil "... só não pode ser descrita com absoluta fidelidade e cópia de pormenores", afirma **Oliveira Lima**, "porque foi tão pouco espetaculosa quanto a sua vida, toda discreta..." Ajudou de coração a causa nacional, não pela ambição de ser imperatriz mas por finura e alcance de espírito, percebendo a mar-

cha inevitável para a constituição do Império. (Oliveira Lima. 1962: 120). Foi capaz de compreender com clareza o momento histórico e ser decididamente pela causa brasileira. Em suas memórias escritas em 1861, **Drumond** afirmou que "... a princêza Leopoldina cooperou vivamente, dentro e fora do país para a independência do Brasil. Debaixo deste ponto de vista o Brasil deve a sua memória gratidão eterna". (Oliveira Lima, 1962: 219). E em suas famosas cartas ao **Marquês de Marialva**, ao **Major Schaffer**, a **José Bonifácio**, a Imperatriz soube expressar o seu contentamento de poder devotar-se ao adiantamento do país. (Oliveira Lima, 1962: 131, 219, 323, 324).

Não somente por ocasião dos fatos que antecederam a Independência do Brasil como os que se lhe sucederam, Dona Leopoldina soube ser possuidora dos dons de comunicação e liderança legítimas, de popularidade e de magnanimidade.

Assim, foram dotes de ornamentação feminina, harmonia de estilo epistolar no seu conjunto, leveza de linhas e graça de forma gramatical a par de uma inteligência privilegiada que fizeram de Dona Leopoldina a heroina da Independência, a mais lídima figura feminina. Não foram punhais, revolveres, bacamartes e canhões as armas utilizadas mas sim a convicção. a visão perfeita do momento a cumprir, a suavidade e argúcia. A tenacidade. O papel e a pena receberam de Dona Leopoldina o desabrochar do sentimento pátrio, a idéia de emancipação, o germe do nacionalismo. a mística da Independência.

Enfim, através dos depoimentos controversos dos vários autores, só nos cabem deduções. Uma conclusão é certa, porém. A Imperatriz, como todo ser humano, possuia personalidade própria com determinantes culturais os mais complexos e condicionantes apropriados. Em todos os fatos e epilogos de sua vida podemos sentir o entrecruzar do psicológico, do sociológico, do antropológico. Costumes da época, "mores" e "folkways". O individual, o social, o cultural. A educação de uma princêsa, enfim.

E temos certeza, é o que ela amava, o que defendia; é o que lhe representava todo o mundo seja esse simbolizado pelo marido, lar, amigos, cidade, pátria o que ela, como parte integrante, combateu, repeliu, modificou, transformou. A educação de uma princêsa, enfim, e a sua participação na vida politica da nação brasileira.